

Clubes de arqueologia nas escolas portuguesas

Mário Nuno Antas *

Resumo

A criação de clubes de arqueologia nas escolas pode abrir um novo ciclo no ensino da história e da arqueologia. Estes clubes são uma forma de introduzir novos conceitos pedagógicos na escola e novas formas de ensinar. Por este meio, os professores estabelecem uma relação pedagógica diferente que lhes permite rentabilizar o processo de ensino/aprendizagem. As actividades do clube dinamizam a comunidade escolar e por vezes a comunidade em geral, contribuindo para a inserção da escola no meio. No entanto, os principais beneficiados do clube de arqueologia, são os alunos pois estes clubes permitem-lhes novas formas de aprendizagem que lhes possibilitam um maior contacto com o passado. A criação de uma rede de clubes de arqueologia das escolas portuguesas possibilitará a troca de experiências que possibilita em última análise a melhoria do ensino em Portugal. A arqueologia aliada ao ensino pode possibilitar um caminho de experiências pedagógicas que contribua para um sucesso escolar efectivo: a formação integral do aluno.

Abstract

The creation of archaeological clubs in schools might open a new cycle in the teaching both of history and archaeology. These clubs are a mean to introduce new pedagogical concepts and new methods of teaching in the schools. Though this methods, teachers improve the process of learning and teaching. The club's activities enhance the school community and sometimes bigger community, thus contributing to the insertion of the school in the community. Nevertheless, the main beneficiaries of the archaeology clubs are the pupils, as they provide new ways of learning, allowing a closer contact with the past. The creation of a net of archaeological clubs in the Portuguese schools will enable the exchange of experiences, which will contribute to the improvement of teaching in Portugal. Archaeology linked to teaching enables new pedagogical experiences that contribute to effective school success: the global formation of the pupil.

* R. Adriano Viegas Salema n.º 2 – 2.º F, 2735-014 Cacém

1. Introdução

Cada vez mais a escola tem um papel de motor de progresso e de agente de mudança da sociedade. A escola portuguesa tem vindo a ser palco de um número cada vez maior de experiências pedagógicas que apontam num objectivo comum: melhorar o sistema de ensino. É nesta óptica que se inserem os clubes de arqueologia, que se constituem como uma experiência pedagógica no âmbito da arqueologia dentro do sistema de ensino.

Este artigo tenta abordar a questão dos clubes de arqueologia no ensino secundário. Apesar de constituírem uma realidade já difundida em escolas de outros países europeus, começam a surgir nas escolas portuguesas. Os objectivos principais passam por desenvolver actividades que cativem a população estudantil da escola em que é desenvolvido, contribuindo desta forma para a melhoria do sucesso escolar. É neste pressuposto que os clubes de arqueologia justificam a sua existência, pois o seu objectivo último visa a melhoria do ensino e o seu maior contributo passa por cativar os alunos para a escola combatendo assim o absentismo e o abandono escolar.

Como metodologia seguida para abordagem desta temática, o artigo encontra-se organizado em três capítulos que têm como objectivo assumido lançar algumas ideias que possam dar uma pequena contribuição para a formação de clubes de arqueologia nas escolas e que se possa num futuro próximo estabelecer uma rede desses mesmos clubes. Assim, primeiramente, elabora-se a justificação e o enquadramento dos clubes; seguidamente fornecem-se algumas ideias relativas ao seu funcionamento e por último disserta-se sobre a sua operacionalidade com outros clubes e projectos dentro e fora da escola, bem como a possibilidade de se formar uma rede de clubes de arqueologia.

Neste brevíssimo artigo, tenta-se em sobrevoo, fornecer algumas ideias que possam dar um parco contributo para a criação de mais clubes de arqueologia nas escolas e da possibilidade de se estabelecer uma rede de clubes que possibilite cativar os alunos para a escola e para a aprendizagem através da arqueologia, pois é a arqueologia que nos permite desenterrar o nosso passado.

2. Justificação e enquadramento dos clubes de arqueologia

A arqueologia é provavelmente uma das disciplinas científicas que mais fascínio provoca junto de crianças, adolescentes e adultos. Este fascínio está intimamente associado à imagem que os meios de comunicação social fazem de arqueologia e dos arqueólogos em geral. A arqueologia surge como um misto de aventura e mistério. Como aventura numa espécie de caça ao tesouro ou uma grande cruzada em busca de um objecto único que tem os segredos do universo, estando aos arqueólogos reservado o papel de heróis dotados de coragem, audácia, persistência e inteligência notáveis para decifrar os enigmas do passado. Para esta imagem muito contribuiu a personagem de Indiana Jones “fabricada” pela máquina de sonhos que é o cinema. Como mistério porque surgem frequentemente novas interpretações e novas questões relacionadas com enigmáticos monumentos como as estátuas da ilha de Páscoa, os mistérios dos Maias, Incas e sobretudo dos Astecas, os segredos de Stonehenge e dos megálitos em geral e toda uma lista interminável de civilizações e cidades perdidas (Raposo e Silva, 1996, p. 230). Os alunos das escolas portuguesas estão pois, imbuídos destes estereótipos dados por uma sociedade marcadamente dominada pela cultura do audiovisual.

Neste sentido os clubes de arqueologia não têm que percorrer um grande caminho para uma motivação inicial dos alunos, visto que a imagem social da própria arqueologia é-lhes favorável, o seu maior trabalho e do qual vai depender o sucesso do clube é o da desmistificação da imagem da arqueologia, motivando os alunos para as actividades da “verdadeira” arqueologia.

Existem porém, outras justificações que levam à implantação de um clube de arqueologia numa escola. Essencialmente, o que justifica a criação deste tipo de clube é a dinâmica que o mesmo pode imprimir à própria escola, contribuindo em última análise para uma melhoria do ensino. No entanto, para existir esta dinâmica é necessário que o clube funcione fazendo “movimentar” toda a população estudantil. Para que isso aconteça é necessário proceder-se a uma correcta definição dos objectivos.

Os objectivos de um clube de arqueologia são do foro pedagógico-científico, no entanto um clube de arqueologia não tem uma definição simplista, pois cada um tem os seus objectivos e as suas próprias prioridades adaptadas ao contexto sócio-cultural em que se insere e as suas necessidades, já para não falar das diferentes formas de se organizar. Definem-se apenas uma série de objectivos globais, que norteiam os clubes de arqueologia.

A um nível geral de objectivos pedagógicos o clube servirá para adaptar a democratização do ensino à heterogeneidade dos alunos, contribuindo dessa forma para a inserção e motivação dos mesmos dentro da realidade escolar. O clube ajudará também ao reforço de uma dinâmica própria de escola. Num plano mais específico de relações pedagógicas, servirá como forma de disseminação de inovações pedagógicas, modificando as práticas pedagógicas (Franco [et al.], 1998, p. 9) e servirá igualmente como meio para reforçar relações pedagógicas entre professores e alunos por forma a melhorar o processo de ensino/aprendizagem. A nível da pedagogia centralizada no aluno, o clube oferece uma outra forma de aprendizagem que visa mais, a prática do que a teoria, tentando assim motivá-lo para a escola, bem como tenta consciencializar o estudante para a importância do seu trabalho, reforçando assim a sua auto-

estima. Neste sentido mais específico, o clube funciona como mais um caminho para tentar despertar a atenção do aluno para o conhecimento, num complexo processo psicológico de motivação.

A nível científico e num plano geral, servirá para possibilitar ou reforçar a interdisciplinaridade entre várias áreas escolares (como por exemplo, a história, a geografia, a biologia, a geologia e a informática). A um nível mais específico, o objectivo principal do clube é cativar o aluno para a arqueologia e em última análise para a disciplina de história, tentando inculcar-lhe o gosto pela história e o gosto por descobrir a história. O *gosto pela história*, pois só conhecendo-a é que o aluno pode ter mais interesse e o prazer por *descobrir a história* através da arqueologia que junta os “pedaços” desse grande puzzle. Neste sentido o clube de arqueologia inicialmente cativa o aluno para o *descobrir a história* para que venha a desenvolver um *gosto pela história*. Para isso o clube utiliza métodos de aprendizagem diferenciados que visam mais a prática da história e o viver da história através dos seus testemunhos, isto é possibilitar ao aluno o contacto com materiais arqueológicos em detrimento do ensino teórico baseado exclusivamente em manuais.

Esta perspectiva de ensinar história e arqueologia, não segue forçosamente nenhum modelo pedagógico, podendo no entanto aproximar-se na sua forma de actuação do modelo culturalista de Jerome Bruner, do modelo neo-culturalista e do modelo antinómico de Quintana Cabanas (Marques, 1999, p. 40-98). Na verdade o objectivo dos clubes de arqueologia não é o de seguir nenhum modelo pedagógico pré definido, até porque não o pode fazer visto que a sua forma de actuação varia de escola para escola, mas sim o de conciliar a arqueologia com o ensino, tentando retirar dessa relação proveitos que passam obviamente pelo contribuir para a formação integral do aluno, enquanto pessoa e estudante.

3. Funcionamento dos clubes de arqueologia

O funcionamento dos clubes de arqueologia depende da forma como forem organizados e dos recursos existentes (tal como foi anteriormente referenciado). A questão dos recursos é central visto que a dimensão do clube bem como as suas actividades depende directamente dos recursos humanos abrangidos isto é, quanto mais professores e alunos envolvidos, maior capacidade de mobilização e de impacto terá na escola. Os alunos envolvidos serão todos aqueles que queiram participar, não havendo distinção entre eles. Aliás, alunos com problemas disciplinares geralmente, são resultado do próprio sistema escolar isto é, sempre a mesma rotina pois a escola não lhes oferece uma maior participação (Domingues, 1995, p. 97). Um clube de arqueologia oferece uma nova dimensão a um aluno que já vem “rotulado” de indisciplinado (Ferreira e Santos, 1994, p. 83)¹, uma dimensão em que lhe é permitido tocar e “mexer” em objectos e não é obrigado a ouvir explicações, sem que a sua curiosidade o obrigue.

¹ As autores fazem uma breve sùmula do problema do “rótulo” nos alunos e do efeito de “auréola” criado nos professores a esse respeito.

O clube deve possuir um organigrama próprio e de tal forma bem estruturado que permita uma rápida operacionalização dos seus objectivos, independentemente do enquadramento institucional que venha a possuir². Uma possível forma organizativa que passe pela sua divisão em áreas de trabalho:

a) Áreas de trabalhos científicos coordenadas por professores que se debruçam sobre temáticas específicas abordadas pelos curricula de história. Estes grupos de trabalho promovem actividades práticas de contacto e manuseamento de “materiais” arqueológicos da época que cada grupo estuda. Estes ateliers e workshops constituem a principal actividade do clube possibilitando desta forma, um constante e inovador trabalho dinâmico em grupo. O trabalho em grupo deve ser utilizado como forma de criar e fortalecer relações pedagógicas entre alunos e entre alunos e professores. A título de exemplo refira-se um grupo de trabalho sobre pré-história em Portugal composto por alunos do 7.º ano e do 10.º ano de escolaridade, em que os alunos no nível mais avançado ensinariam os outros através de um processo semelhante ao de tutorias. Este grupo que se poderia denominar o grupo de pedra estudaria os monumentos situados na área de implantação da escola. Idêntica lógica se aplicaria a outros grupos de estudo como por exemplo a legião Romana que estuda os Romanos, os Democratas que estudam a civilização Grega e todo um conjunto de grupos que se poderia estabelecer. Aliás, a lógica de tutorias poderia funcionar na plenitude em escolas com 3.º ciclo e secundário estabelecendo uma relação directa entre alunos que estudam matérias idênticas definidas pelos curricula, mas em graus de ensino diferentes (7.º ano com 10.º ano; 8.º ano com 11.º ano e 9.º ano com 12.º ano). Esta seria uma forma de motivar os alunos para a escola, tanto dos mais novos que vêm nos mais velhos exemplos e nos mais velhos ao desenvolver nestes, o sentido de responsabilidade (Balanchó e Coelho, 1996, p. 79-90)³. Os grupos de trabalho também seriam responsáveis pela organização de actividades planeadas conjuntamente com os professores envolvidos no projecto.

b) Área de actividades práticas em que se desenvolvem acções de formação para os membros do clube e actividades promovidas para a escola e comunidade em geral. No que diz respeito às primeiras actividades, consistem essencialmente em visitas de estudo a locais de interesse arqueológico (estações arqueológicas, museus) e de interesse histórico-patrimonial. Estas teriam a particularidade de serem organizadas pelos membros do clube que funcionavam como uma espécie de guias fazendo previamente, o roteiro de cada visita. No que concerne ao segundo tipo de actividades estas dedicam-se sobretudo, à divulgação da arqueologia e da história em geral. Neste âmbito organizam-se exposições de materiais arqueológicos e recriações de acontecimentos históricos. O principal objectivo é mostrar à comunidade escolar e à comunidade local determinado tipo de artefactos e materiais arqueológicos, enquanto que as

² O enquadramento institucional do clube depende directamente do Conselho Executivo. Em termos de ideias o clube deveria funcionar como clube de escola, , mas poderá funcionar dentro de uma óptica mais restrita de turma ou de turmas do mesmo ano lectivo, actividade extra-curricular ou ainda dentro de qualquer outra figura legal.

³ As autores defendem que a criação de centros de interesses na escola motiva os alunos.

recriações históricas são geralmente actividades que apelam também à participação de toda a comunidade escolar e não-escolar. Este tipo de actividades pela sua grande abrangência e cobertura mediática funcionam, por um lado, como uma forma de recriar tradições já desaparecidas e, por outro lado, são um óptimo meio de divulgação da mensagem de preservação do património local e regional (Duarte, 1993, p.14). Dentro deste tipo de iniciativa refiram-se a título de exemplo que as feiras medievais ou a recriação de momentos históricos (revolução de 1383/85, por exemplo), têm sido temáticas exploradas por escolas e coroadas de êxito. A este tipo de actividades aplica-se o conceito de escola em movimento pois, pelo seu carácter, aproxima definitivamente a escola da comunidade.

c) Área de informação e divulgação que serve, sobretudo, para divulgar as acções e o dinamismo do clube. Dentro desta área poderiam ser desenvolvidas actividades que se relacionam directamente com o jornalismo, com ajuda de professores dessa área ou de alunos desse agrupamento ou curso tecnológico. Poderia produzir um jornal onde divulgaria as suas actividades. Nesta área também poderia ser solicitada uma colaboração com professores da área de informática para ajudar os alunos do clube a fazer uma página em hiper-texto ou homepage em que divulgassem o clube e a escola. Aliás o recurso a novas tecnologias também é uma forma de os cativar. A Internet assume-se hoje como uma nova auto-estrada da comunicação em que as referências do tempo e do espaço começam a deixar de ter sentido.

Existem muitas outras metodologias para organizar um clube de arqueologia. O que é essencial é que os alunos sintam que o clube não é um espaço criado para eles, mas sim o seu espaço. O seu espaço de aprender, criar e reconstruir a arqueologia e a história.

4. A operacionalidade dos clubes de arqueologia com outros projectos

Um clube de arqueologia deve ser operacional com projectos da mesma escola e com projectos de outras escolas. No que diz respeito aos projectos da mesma escola, é óbvia a necessidade de coordenação dos mesmos dentro de uma escola, pois todos convergem para um fim comum, independentemente de distintas formas de actuação e diferentes objectivos que possivelmente tenham.

Relativamente à operacionalidade com projectos de outras escolas a questão merece uma reflexão mais apurada. O clube poderá e deverá relacionar-se com outras escolas para estabelecer contactos. A questão central é que existem vários projectos de clubes de arqueologia e de história espalhados pelas escolas de Portugal do norte ao sul. O que é necessário fazer é pôr estas escolas em contacto. A forma de o fazer passa obviamente, pelas vias institucionais do Ministério da Educação mas deve também, passar pelo contacto directo dos alunos e professores envolvidos. A melhor forma de conseguir esse contacto é através da Internet que possibilita uma comunicação rápida. Se os clubes estivessem em contacto seria possível organizar actividades em conjunto. A ideia é a de criar uma rede de clubes de arqueologia a nível nacional que permitisse a

troca de ideias e experiências educativas. É claro que para que a rede funcionasse era necessário existir uma entidade coordenadora. O Museu Nacional de Arqueologia poderia possibilitar que a rede de clubes de arqueologia aproximasse por um lado, os museus das escolas e as escolas das escolas.

Depois de serem estabelecidas as bases de uma rede nacional de clubes de arqueologia, dever-se-ia promover o contacto com clubes de arqueologia de outros países da Comunidade Europeia e não só, por forma a promover a partilha de métodos e técnicas pedagógicas que permitam um ensino cada vez melhor da arqueologia e da história.

Só desta forma é que pode existir um verdadeiro contacto com sistemas de ensino diferentes e por via desse contacto estabelecido, serem aplicados os métodos pedagógicos de vanguarda que são aplicados nesses países. Neste sentido, o clube de arqueologia pode reclamar para si o processo de renovação pedagógica da disciplina de história.

5. Conclusões gerais

Os clubes de arqueologia podem constituir-se a breve trecho, como uma nova forma de aprendizagem. Mais que uma experiência pedagógica, são na sua essência uma forma de ensinar história e arqueologia que não dispensa obviamente a aula. Os benefícios que se podem recolher de um clube de arqueologia são imensos e podem ser agrupados segundo o seu alvo:

- Para a arqueologia, pois como refere Paul Bahn (1997) “o objectivo último da arqueologia – se é que tem de ter algum sentido ou justificação – deve ser a comunicação dos seus achados, não apenas a estudantes e colegas, mas, acima de tudo, ao público”. Desta forma os clubes de arqueologia vêm contribuir a par dos museus na divulgação dos achados arqueológicos;

- Para a comunidade em geral sempre que as actividades também a envolva;

- Para as escolas que trocam experiências pedagógicas entre si;

- Para a escola, pois beneficia de uma nova dinâmica e dissemina inovações pedagógicas;

- Para o professor que assimila e desenvolve novas práticas pedagógicas que lhe permitem uma maior eficácia de ensino e um estreitamento da relação pedagógica com o aluno;

- E para os alunos que descobrem uma nova dimensão na escola e uma nova forma de aprendizagem. Assim, sentem-se mais motivados a aprender e desenvolvem métodos de trabalho e novos conhecimentos sem que estejam a estudar pelo método tradicional, aliando a teoria à prática.

No entanto, um clube de arqueologia poderá não resultar devido a uma série de factores mas, fica contudo a certeza, de que se não se formarem e não se interligarem nunca se saberá se a história e principalmente a arqueologia, poderão contribuir para substituir aquela velha frase do “gosto da escola, mas não das aulas e dos professores”. Pela sua inovação, não será um meio eficaz de combater o insucesso e o abandono prematuro da escola?

Bibliografia

- BAHN, P. (1997) – *Arqueologia – uma breve introdução*. Lisboa: Gradiva. (Coleção Trajectos; 39).
- BALANCHO, M. J. e COELHO, F. M. (1996) – *Motivar os alunos – criatividade na relação pedagógica: conceitos e práticas*. Lisboa: Texto editora. (Coleção Educar Hoje).
- DOMINGUES, I. (1995) – *Controlo disciplinar na escola: processos e práticas*. Lisboa: Texto Editora. (Coleção Educar Hoje).
- DUARTE, A. (1993) – *Educação patrimonial – guia para professores, educadores e monitores de museus e tempos livres*. Lisboa: Texto Editora. (Coleção Educar Hoje).
- FERREIRA, M. S. e SANTOS, M. R. dos (1994) – *Aprender a ensinar, ensinar a aprender*. Lisboa: Afrontamento. (Coleção Polígono; 2).
- FRANCO, J. A. [et al.] (1998) – *Experiências inovadoras no ensino – inovação pedagógica*. Lisboa: Instituto de Inovação Pedagógica. (Coleção Práticas Pedagógicas; 6).
- MARQUES, R. (1999) – *Modelos pedagógicos actuais*. Lisboa: Plátano Editora. (Coleção Aula Prática).
- RAPOSO, L. e SILVA, A. C. (1996) – *A linguagem das coisas: ensaios e crónicas de arqueologia*. Lisboa: Europa-América. (Coleção Fórum da História; 22).

